

ENTRE TERRITÓRIO E LINGUAGEM: LITERATURA INFANTIL E IDENTIDADE TOCANTINENSE EM *LÉIA E A BOROCA COR DE CÉU*

BETWEEN TERRITORY AND LANGUAGE: CONFIGURATIONS OF TOCANTINENSE IDENTITY IN CHILDREN'S LITERATURE IN *LÉIA AND THE SKY-COLORED BOROCA*

Eleny Silva Barbosa¹
Janaína Senam²
Rubens Martins da Silva³

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise a obra de literatura infantil *Léia e a boroca cor de céu*, de Ariadne Feitosa e Rayssa Carneiro. O objetivo do estudo consiste em analisar os elementos estéticos, culturais e simbólicos que conferem à obra o estatuto de produção representativa da literatura tocantinense. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, possibilitando o diálogo entre o texto literário e aportes teóricos consolidados no campo dos estudos literários e educacionais. O embasamento teórico apoia-se, sobretudo, nas contribuições de Lajolo e Zilberman (2004), Cosson (2021), Cademartori (2010) e Silva e McCoy (2025), entre outros autores que discutem literatura infantil, letramento literário e produções regionais. Os resultados indicam que a literatura regional desempenha papel relevante na formação histórica, cultural e identitária das crianças tocantinenses. Conclui-se que a obra analisada apresenta potencial significativo para o desenvolvimento do letramento literário, além de contribuir para o incentivo à leitura e à escrita, bem como para a valorização do patrimônio literário e de autores do estado do Tocantins.

Palavras-chave: Literatura infantil. Literatura tocantinense. Letramento literário. Identidade cultural.

Abstract:

This article analyzes the children's literature work *Léia e a boroca cor de céu* (*Léia and the Sky-Blue Boroca*) by Ariadne Feitosa and Rayssa Carneiro. The aim of the study is to examine the aesthetic, cultural, and symbolic elements that confer upon the work the status of a representative production of Tocantins literature. The research is based on a qualitative approach of a bibliographic nature, enabling dialogue between the literary text and consolidated theoretical frameworks in the fields of literary and educational studies. The theoretical foundation draws primarily on the contributions of Lajolo and Zilberman (2004), Cosson (2021), Cademartori (2010), and Silva and McCoy (2025), among other scholars who discuss children's literature, literary literacy, and regional literary production. The results indicate that regional literature plays a relevant role in the historical, cultural, and identity formation of children from Tocantins. It is concluded that the analyzed work presents significant potential for the development of literary literacy, while also contributing to the encouragement of reading and writing and to the appreciation of the literary heritage and authors of the state of Tocantins.

Keywords: Children's literature. Tocantins literature. Literary literacy. Cultural identity.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8414522589657826>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8628-7580?lang=en>. E-mail: barbosa.eleny@mail.uft.edu.br

² Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907374226996446>. ORCID: 0000-0002-1551-0172. E-mail: janaina.s@unitins.br

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor efetivo da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>. E-mail: rubens.ms@unitins.br

Introdução

A literatura infantil constitui-se como um espaço privilegiado de formação estética, cultural e identitária, especialmente quando dialoga com os contextos socioculturais nos quais as crianças estão inseridas. Nesse sentido, as produções literárias de caráter regional assumem papel fundamental, ao possibilitar que o leitor infantil reconheça a si mesmo, seu território e suas memórias simbólicas nas narrativas que lhe são apresentadas. No estado do Tocantins, ainda em processo de consolidação de seu patrimônio literário, a literatura infantil regional desponta como instrumento potente de valorização cultural e de fortalecimento da identidade local.

À luz dessa perspectiva, o presente artigo propõe-se a analisar a obra *Léia e a boroca cor de céu*, de Ariadne Feitosa e Rayssa Carneiro, buscando identificar os elementos estéticos, culturais e simbólicos que a legitimam como expressão da literatura tocaninense. Parte-se do pressuposto de que a obra, ao mobilizar referências do espaço, da cultura e da sensibilidade regional, contribui para a formação leitora das crianças e para o reconhecimento de narrativas que ecoam o cotidiano e o imaginário do Tocantins.

A discussão fundamenta-se em aportes teóricos que compreendem a literatura infantil como prática social e formativa, especialmente no que se refere ao letramento literário e à mediação da leitura, conforme defendem autores como Lajolo (2004) e Cosson (2021), além de estudos mais recentes sobre literatura regional e produções tocaninenses, como os de Silva e McCoy (2025). Tais contribuições permitem compreender a literatura não apenas como objeto estético, mas como linguagem que constrói sentidos, memórias e pertencimentos.

O presente artigo resultou da realização do curso “Letramento Acadêmico e Científico em Literatura Tocantinense”, o qual foi institucionalizado na Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual do Tocantins e ministrado pelos professores Rubens Martins da Silva e Janaína Senem. Com destaque, este curso teve a participação de professores

da educação básica do estado do Tocantins e de acadêmicos da Unitins e de outras IES.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, articulando a análise da obra literária com o diálogo teórico. A estrutura do artigo apresenta, inicialmente, uma discussão teórica sobre literatura infantil, letramento literário e literatura regional; posteriormente, procede-se à análise da obra *Léia e a boroca cor de céu*; e, por fim, são tecidas as considerações finais, nas quais se retomam os principais achados do estudo.

Assim, espera-se que este trabalho contribua para a ampliação das discussões sobre a literatura infantil tocantinense, reafirmando sua relevância nos contextos educacional e cultural, bem como para a valorização de obras e autores que ajudam a escrever, em palavras e afetos, a história literária do Tocantins.

Literatura infantil: origens, funções e configurações estéticas

A literatura infantil emerge no contexto de profundas transformações sociais e culturais, tendo suas origens historicamente situadas na Europa. Sua consolidação ocorre entre os séculos XVII e XVIII, período marcado por uma mudança significativa na concepção de infância, quando a criança passa a ser reconhecida como sujeito em processo de formação. Tal reconhecimento estabelece uma relação intrínseca entre o surgimento da literatura infantil e os princípios da pedagogia, uma vez que a produção literária destinada às crianças passa a ser concebida como instrumento de orientação moral e educativa. Em razão dessa origem, durante longo tempo, a dimensão estética da literatura infantil foi subordinada à sua função didático-pedagógica, frequentemente marcada por intenções moralizantes.

Nesse estágio inicial, a literatura infantil caracterizava-se por narrativas de estrutura maniqueísta, nas quais o bem e o mal eram rigidamente demarcados, com o propósito de orientar comportamentos considerados socialmente desejáveis. Contos de fadas, fábulas e diversas narrativas que permanecem em circulação na contemporaneidade inscrevem-se nessa

tradição, evidenciando a permanência de modelos narrativos fortemente influenciados por valores morais e normativos.

É nesse contexto que se destaca a publicação, em 1697, da obra *Histórias ou contos do tempo passado, com moralidades: Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault (1628–1703). A partir dessa coletânea, narrativas oriundas da tradição oral passam a adquirir estatuto literário e forma editorial, como *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. Amplamente difundidas, essas histórias desempenharam papel decisivo na constituição do repertório clássico da literatura infantil ocidental.

Os contos de fadas, tal como são conhecidos atualmente, tiveram sua configuração inicial na França do final do século XVII. Ao registrar narrativas populares transmitidas oralmente pelos camponeses, Perrault promoveu adaptações significativas, suprimindo elementos considerados inadequados aos padrões morais da época, como referências explícitas à violência extrema, ao incesto e ao canibalismo. Esse processo evidencia que, em sua origem, tais narrativas não se destinavam exclusivamente ao público infantil, mas também à fruição estética e à contemplação do leitor adulto.

Além disso, estudos indicam que versões arcaicas de histórias como *Chapeuzinho Vermelho* apresentam ressonâncias em mitos e narrativas da Antiguidade, a exemplo daqueles presentes na mitologia grega. Ao longo do tempo, essas narrativas foram sendo reelaboradas e progressivamente moralizadas, adequando-se aos valores sociais e educativos de diferentes contextos históricos. Posteriormente, autores como Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm também intervieram nesses relatos tradicionais, contribuindo para sua permanência, atualização e reinvenção no imaginário coletivo e no universo da literatura infantil.

A literatura infantil, conforme indica o próprio adjetivo que a qualifica, destina-se ao público infantil e tem como objetivo primordial oferecer à criança, por meio da ficção e da fantasia, referências simbólicas que a auxiliem na interpretação do mundo e na construção de seus próprios conceitos (Cademartori, 2010). O contato com textos literários amplia as possibilidades de

compreensão da realidade, ao permitir que a criança transite por universos marcados pelo lúdico, pelo mágico e pelo imaginário, enriquecendo sua imaginação e favorecendo o desenvolvimento da criatividade e da liberdade de pensamento. Sob essa perspectiva, a literatura infantil configura-se como prática fundamental de letramento literário, entendido, segundo Cosson (2021), como o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, experiência estética e forma de produção de sentidos, que ultrapassa a mera decodificação textual.

Como ressalta Lajolo (2004, p. 11),

As relações da literatura infantil com a não infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da literatura infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior.

Tal compreensão evidencia a necessidade de superar concepções reducionistas que associam a literatura infantil a um texto menor ou simplificado. Ao contrário, a literatura destinada à criança deve ser reconhecida, antes de tudo, como literatura, preservando sua complexidade estética e simbólica.

Essa compreensão reforça a importância de se pensar a literatura infantil para além de seu uso instrumental ou pedagógico, reconhecendo-a como experiência estética capaz de promover a articulação entre fantasia e realidade, bem como de possibilitar à criança a elaboração simbólica de conflitos internos e a compreensão de aspectos do mundo adulto. Ao promover o encontro sistemático e mediado da criança com a obra literária, a literatura infantil assume papel central na formação do leitor, abrangendo dimensões cognitivas, sensíveis, culturais e sociais, conforme defendem os estudos contemporâneos sobre letramento literário.

Escritas do Tocantins: identidade, memória e produção literária

A literatura tocaninense configura-se como um campo literário em processo de constituição e legitimação, cuja compreensão ultrapassa definições restritas baseadas exclusivamente em critérios geográficos ou administrativos. Trata-se de uma produção que se constrói a partir da relação entre território, memória, identidade e linguagem literária, refletindo experiências históricas e culturais próprias do estado do Tocantins. Conforme discutem Silva e McCoy

(2025), a literatura tocantinense emerge como expressão simbólica de um território plural, marcado por diferentes matrizes culturais e por processos históricos recentes.

Do ponto de vista conceitual, a literatura tocantinense pode ser compreendida como aquela que mobiliza, de modo significativo, elementos relacionados ao espaço físico e simbólico do Tocantins, seja por meio da tematização da paisagem, dos rios e da natureza, seja pela representação das práticas sociais e culturais da região. Nessa perspectiva, o território assume função estruturante no texto literário, deixando de operar apenas como cenário. Segundo Silva e McCoy (2025), a literatura tocantinense caracteriza-se por “uma escrita que nasce do território e o transforma em linguagem literária, articulando espaço, memória e identidade”.

Essa concepção afasta-se de uma visão reducionista da literatura regional, frequentemente associada a limites estéticos ou temáticos. Ao contrário, conforme argumentam os autores, o regional pode constituir-se como ponto de partida para a construção de sentidos universais, uma vez que o local não se opõe ao universal, mas o alimenta (Silva; McCoy, 2025). Trata-se, portanto, de uma literatura que dialoga com o sistema literário nacional, ainda que preserve marcas identitárias específicas decorrentes da formação histórica e cultural do Tocantins.

O termo “Literatura Tocantinense” diz respeito às obras literárias que dão ênfase à valorização da identidade regional, o resgate de tradições e a representação das paisagens e peculiaridades locais. Assim, é uma literatura que congrega registros sobre fauna e flora, rios, solo, riquezas minerais, pontos turísticos, praias, rios e riachos do estado do Tocantins (Silva; McCoy, 2025, p. 40).

No que se refere à caracterização dessa produção, observa-se a presença recorrente da oralidade como elemento constitutivo das narrativas, evidenciando a influência de tradições populares, indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Essa marca manifesta-se tanto na temática quanto nas escolhas linguísticas e narrativas, revelando uma escrita que transita entre o oral e o escrito. Conforme destaca o texto-base, a literatura tocantinense preserva traços da tradição oral, ao mesmo tempo em que se apropria de formas contemporâneas de expressão literária (Silva; McCoy, 2025).

Outro aspecto relevante para a discussão da literatura tocantinense, segundo Silva e McCoy (2025), refere-se à distinção conceitual entre “literatura tocantinense” e “literatura produzida no Tocantins”. A primeira diz respeito às obras que apresentam vínculos explícitos com o território, a identidade e a cultura local, enquanto a segunda abrange produções de autores residentes no estado, independentemente da tematização regional. Essa distinção, de caráter analítico, contribui para evitar generalizações e para reconhecer a diversidade da produção literária existente no Tocantins. Assim, observa-se que

[...], a categorização entre LT e LPT não pode ser vista como algo fixo ou natural, mas como posições móveis nesse campo, determinadas pela circulação das obras, pelo reconhecimento crítico, pelas políticas culturais e pela inserção pedagógica no currículo escolar (Silva; McCoy, 2025, p. 39).

No campo educacional e cultural, a literatura tocantinense assume papel fundamental na formação de leitores, ao possibilitar o reconhecimento do espaço vivido como matéria literária legítima. Ao ser incorporada às práticas escolares, essa produção favorece o desenvolvimento do letramento literário e o fortalecimento de vínculos identitários. A literatura tocantinense, segundo Silva e McCoy (2025), constitui-se como instrumento de valorização cultural e de afirmação identitária, especialmente no contexto escolar.

Dessa forma, a literatura tocantinense pode ser compreendida como um campo literário em expansão, cuja conceituação e caracterização evidenciam uma produção plural, dinâmica e ainda em processo de consolidação crítica. Fundamentada na articulação entre território, identidade e linguagem, essa literatura reafirma o valor do regional como espaço legítimo de criação estética e de produção de sentidos, reivindicando visibilidade no cenário literário nacional sem abdicar de suas marcas locais. Nesse sentido, entende-se que:

[...], a produção literária no Estado do Tocantins assume o comportamento espiralar de uma dimensão poética que é vista como “Literatura Produzida no Tocantins” ou “Literatura Tocantinense”, pois o que interessa é destacar a existência de autores e obras à espera de leitores (Silva; McCoy, 2025, p. 40).

À luz das discussões acerca da conceituação e caracterização da literatura tocantinense, a obra *Léia e a boroca cor de céu* inscreve-se como um exemplo representativo dessa produção literária que articula território, memória e identidade por meio da linguagem literária. O texto literário não apenas se

ambienta no espaço tocaninense, mas o transforma em matéria simbólica, conferindo-lhe densidade estética e cultural, característica central da literatura produzida a partir e sobre o Tocantins.

Nesse horizonte, observa-se que as narrativas infantis produzidas no Tocantins estruturam-se, de modo recorrente, a partir da valorização da oralidade, da memória coletiva e da experiência cotidiana, elementos que conferem identidade própria a essa produção literária. As referências da cultura tocaninense construídas para o público infantil manifestam-se na incorporação do território como espaço vivido, na presença da natureza do cerrado, nas práticas comunitárias e na linguagem sensível que aproxima o texto literário do universo da criança.

A imagem da cultura tocaninense projetada nessas narrativas não se restringe a um registro folclórico ou descritivo, mas apresenta-se como experiência simbólica, afetiva e estética, possibilitando que o leitor infantil reconheça o Tocantins como espaço de pertencimento e de produção de sentidos. Nesse contexto, obras como *Léia e a boroca cor de céu* dialogam com uma tradição consolidada da literatura infantil tocaninense, na qual se insere a produção de Irma Galhardo, escritora, cordelista e contadora de histórias, cuja obra se caracteriza pela valorização da oralidade, da cultura local e da contação como prática formadora.

Assim, as narrativas infantis tocaninenses colaboram efetivamente para que as crianças conheçam e reconheçam o universo tocaninense, fortalecendo vínculos identitários e contribuindo para a formação leitora no âmbito do letramento literário.

Análise crítica de *Léia e a boroca cor de céu* no contexto da literatura tocaninense

Um dos aspectos mais significativos de *Léia e a boroca cor de céu* reside na escolha vocabular e na presença recorrente de elementos naturais da paisagem tocaninense, especialmente aqueles que compõem o cenário do cerrado presente na região de Palmas-TO. A linguagem da obra não se limita a

descrever o espaço, mas o constrói poeticamente, fazendo da natureza um componente ativo da narrativa e da formação identitária da personagem.

O vocabulário mobilizado pelas autoras aproxima-se do léxico cotidiano das comunidades locais, incorporando palavras, imagens e referências que evocam o ambiente natural do Tocantins (Muniz; Santos, 2024, p.18) “Na boca da noite, as crianças brincam na rua”. A fauna e a flora do cerrado surgem como marcas simbólicas do território, instaurando uma atmosfera em que natureza e subjetividade se entrelaçam.

por ali, tudo é muito.
começando pelo sol.
a mãe brinca:
— Aqui parece que tem um sol para cada pessoa!
(Muniz; Santos, 2024, p.15).

Nesse sentido, a flora característica do cerrado palmense, como o pequi, o cajuputi, o murici e outras espécies nativas, não aparecem apenas como paisagem descritiva, mas como elemento de pertencimento cultural. Essas referências naturais funcionam como signos identitários que ancoram a narrativa no território, permitindo que o leitor reconheça o espaço como vivido, experimentado e afetivamente significado. A natureza, portanto, deixa de ser cenário passivo para assumir função estruturante na construção do sentido literário.

A fauna também desempenha papel relevante na tessitura narrativa. A evocação de animais típicos do cerrado, como aves, insetos e o lobo, contribui para a criação de uma ambiência sonora e visual que remete à infância vivida em contato direto com o ambiente natural. Esses elementos reforçam a dimensão sensorial do texto, ampliando a experiência estética do leitor e promovendo uma leitura que envolve não apenas a razão, mas também a memória afetiva e os sentidos.

Essa relação íntima entre personagem e natureza aproxima a obra de uma perspectiva geopoética, na qual o território é compreendido não apenas como espaço físico, mas como instância simbólica de produção de sentidos, afetos e narrativas, conforme propõe a Geopoesia discutida por Silva Junior (2018). A boroca, nesse contexto, pode ser lida como metáfora que sintetiza essa relação: assim como o objeto carrega alimentos, utensílios e lembranças, a

paisagem tocantinense carrega histórias, saberes e modos de existir. A personagem Léia, ao interagir com esse espaço natural, constrói sua identidade em diálogo constante com o ambiente que a cerca, evidenciando o território como elemento constitutivo da experiência literária.

À luz da formulação teórica de Silva Junior (2018; 2021), a geopoesia pode ser compreendida como uma perspectiva que articula palavra, território e experiência vivida, reconhecendo o espaço não apenas como cenário, mas como forma de escrita simbólica e coletiva. Diferentemente da geopoética, concebida como movimento estético-filosófico de caráter mais universal, a geopoesia, conforme proposta pelo autor, constitui-se como uma teoria situada, ancorada em práticas culturais, narrativas orais, corporalidades e modos de habitar o território, especialmente nos contextos do Centro-Oeste e do Norte do Brasil.

Nessa perspectiva, o território é entendido como instância produtora de sentidos, memórias e afetos, configurando-se como uma “escrita da Terra” que emerge das vivências cotidianas e das experiências ancestrais. Em *Léia e a boroca cor de céu*, essa dimensão geopoética manifesta-se na forma como a paisagem tocantinense, os elementos da natureza e os objetos simbólicos, como a boroca, são integrados à narrativa como extensões da memória, da identidade e do pertencimento, transformando o espaço vivido em linguagem literária e reafirmando o território como componente constitutivo da experiência infantil e da formação identitária.

Do ponto de vista do letramento literário, a presença desses elementos naturais contribui significativamente para o processo de formação do leitor. Conforme Cosson (2021), a literatura possibilita ao leitor interpretar o mundo por meio da linguagem, e, no caso de *Léia e a boroca cor de céu*, o mundo apresentado é profundamente enraizado no espaço tocantinense. Ao reconhecer a fauna, a flora e o vocabulário do seu entorno, o leitor estabelece uma relação de identificação e pertencimento, elemento fundamental para a construção de sentidos e para a valorização da literatura regional no contexto escolar.

Além disso, essa escolha estética dialoga com o que Lajolo (2004) defende ao afirmar que a literatura infantil deve preservar sua complexidade

simbólica e estética. A incorporação da natureza como linguagem literária demonstra que a obra não simplifica o mundo para a criança, mas o apresenta em sua riqueza e diversidade, convidando-a a perceber o espaço em que vive como lugar de memória, cultura e poesia.

Assim, ao explorar o vocabulário e os elementos naturais da paisagem de Palmas–TO, *Léia e a boroca cor de céu* reafirma seu pertencimento à literatura tocantinense e evidencia a potência estética dessa produção. A obra transforma o cerrado em palavra, a paisagem em narrativa e a infância em território poético, consolidando-se como texto literário que articula natureza, cultura e identidade de forma sensível e profundamente significativa.

Essa construção estética evidencia-se de modo mais concreto quando se observam os registros linguísticos mobilizados ao longo da narrativa. Expressões que remetem ao cotidiano e à paisagem local, como a intensidade do sol, a convivência comunitária ao entardecer e a presença constante dos elementos naturais do cerrado, estruturam uma linguagem marcada pela sensorialidade e pela proximidade com a experiência infantil tocantinense. Trechos como “na boca da noite, as crianças brincam na rua” (Muniz; Santos, 2024, p.18) revelam uma escrita que valoriza a oralidade e a memória do espaço vivido, enquanto imagens como “aqui parece que tem um sol para cada pessoa” (p. 15) traduzem poeticamente a relação afetiva com o território. Esses registros linguísticos não apenas localizam a narrativa geograficamente, mas constroem uma imagem sensível do Tocantins como espaço de pertencimento, no qual natureza, linguagem e identidade se entrelaçam na experiência literária destinada à infância.

Destaca-se, ainda, que a obra dialoga de forma sensível com o processo histórico de construção da capital do estado do Tocantins, Palmas, marcada pela chegada de sujeitos oriundos de diferentes regiões do próprio estado e de outras unidades da federação. Esse movimento migratório, constitutivo da formação social e cultural da capital, é incorporado à narrativa não como registro factual ou documental, mas como experiência vivida, filtrada pela memória, pela afetividade e pelo olhar poético da infância. Dessa forma, acontecimentos

históricos são ressignificados literariamente, transformando-se em matéria simbólica e estética.

Embora permeada por referências históricas e socioculturais relevantes, a narrativa preserva integralmente seu caráter artístico, evitando a didatização do texto ou a subordinação da literatura a uma intencionalidade exclusivamente pedagógica. Os fatos históricos não são apresentados como conteúdo a serem ensinados, mas como experiências integradas organicamente à trama, às vivências das personagens e à construção da linguagem poética. Essa escolha estética reafirma que a obra se inscreve no campo da literatura em sentido pleno, conforme defende Lajolo (2004), ao reivindicar para a literatura infantil o mesmo estatuto simbólico e artístico atribuído às demais produções literárias.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a obra *Léia e a boroca cor de céu*, de Ariadne Feitosa e Rayssa Carneiro, à luz dos fundamentos teóricos da literatura infantil e da literatura tocantinense, buscando evidenciar os elementos que a legitimam como produção literária regional e como texto esteticamente significativo no campo da formação do leitor. Ao longo das discussões, foi possível demonstrar que a obra ultrapassa uma leitura meramente temática ou pedagógica, configurando-se como narrativa literária que articula território, memória, identidade e linguagem poética.

A revisão teórica permitiu compreender que a literatura infantil, historicamente vinculada a práticas moralizantes e educativas, vem sendo ressignificada como experiência estética e cultural, conforme defendem Lajolo (2004) e Cosson (2021). Nesse horizonte, *Léia e a boroca cor de céu* reafirma que a literatura destinada à criança não deve ser concebida como produção menor, mas como espaço legítimo de elaboração simbólica, sensível e crítica do mundo.

No que se refere à literatura tocantinense, o estudo evidenciou que sua caracterização se ancora na mobilização significativa do território enquanto linguagem literária. A obra analisada insere-se nesse campo ao transformar elementos do cotidiano, da cultura local e da paisagem natural do Tocantins,

especialmente do cerrado presente na região de Palmas, em matéria narrativa. A presença da fauna, da flora e do vocabulário regional não atua como simples recurso descritivo, mas como elemento estruturante da narrativa, conferindo densidade estética e fortalecendo os vínculos entre literatura, identidade e pertencimento.

A análise crítica também evidenciou que o diálogo com a tradição oral constitui um dos aspectos centrais da obra, perceptível no ritmo narrativo e na construção da linguagem, que remete à contação de histórias. Tal característica reforça a compreensão de que a literatura tocantinense preserva e ressignifica saberes tradicionais, articulando-os a formas contemporâneas de expressão literária, conforme apontado por Silva e McCoy (2025).

Do ponto de vista do letramento literário, *Léia e a boroca cor de céu* apresenta-se como obra potente para o contexto escolar, uma vez que favorece processos de identificação e reconhecimento por parte do leitor, possibilitando a construção de sentidos a partir da relação entre o universo ficcional e o espaço vivido. Essa aproximação contribui para a valorização da literatura regional na escola e para a formação de leitores críticos, sensíveis e culturalmente situados, em consonância com a perspectiva defendida por Cosson (2021).

Dessa forma, ao articular fundamentos teóricos, análise crítica da obra e discussão sobre a literatura tocantinense, este artigo valida sua constituição como uma produção científica que evidencia a relevância acadêmica e cultural do tema investigado. Conclui-se que *Léia e a boroca cor de céu* não apenas representa a literatura tocantinense, mas a fortalece, ao reinscrever o território, a infância, a natureza e a memória histórica no imaginário literário, contribuindo para a legitimação dessa produção no cenário literário e educacional brasileiro.

Referências

- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MUNIZ, Ariadne Feitosa; SANTOS, Rayssa Carneiro. **Léia e a boroca cor de céu**. Palmas: Vecchio, 2024.

SILVA, Rubens Martins da; MCCOY, Clarissa de Sousa Oliveira. Caracterização e análise da literatura tocantinense. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 12, n. 5, 2025.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Centroestinidades e geopoesia: casa de morar niemar é a poesia. In: MEDEIROS, Ana Cristina Martins de et al. **Os parceiros de Águas Lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de Letras, 2018.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Geopoesia e literatura de campo centroestina**: etnoflâneries por Goiás e Brasília. Ensaio pós-doutoral. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

Recebido em 30 de março de 2026.

Aceito em 4 de abril de 2026.